

JOAQUIM CARDOZO NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*: TRÊS ESTUDOS SOBRE *POEMAS* (1947)¹

JOAQUIM CARDOZO IN *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*:
THREE STUDIES ON POEMAS (1947)

Késsia Kelle Flor de Lima²
Elaine Cristina Cintra³

RESUMO: O presente artigo objetiva discutir como as críticas literárias publicadas na década de 1940 no *Diário de Pernambuco* sobre o primeiro livro de Joaquim Cardozo, *Poemas*, notadamente assinadas pelos já consagrados autores Paulo Mendes Campos, Mauro Mota e Jorge de Lima, são representativas da dinâmica relação entre autores e imprensa nessa época, especialmente no que se refere ao papel do escritor-crítico. No estudo, foi possível observar como os referidos textos trazem à cena o papel fundamental da imprensa para a consagração e legitimação de escritores e obras na cena moderna da literatura. A partir de levantamento nos arquivos do periódico, foi possível melhor compreender as orientações teóricas de cada um desses autores, bem como tais exercícios críticos fundamentaram diretrizes para a leitura da obra cardoziano.

Palavras-chave: Literatura e imprensa; Joaquim Cardozo; *Diário de Pernambuco*; crítica literária.

ABSTRACT: This article aims to discuss how the literary reviews published in the 1940s in *Diário de Pernambuco* about Joaquim Cardozo's first book, *Poemas*, signed by the already established authors Paulo Mendes Campos, Mauro Mota, and Jorge de Lima, are representative of the dynamic relationship between authors and the press at that time, especially regarding the role of the author-critic. The study demonstrated how these texts highlight the fundamental role of the press in the consecration and legitimization of writers and works in the modern literary scene. By researching the periodical's archives, it was possible to better understand the theoretical orientations of each of these authors, as well as how these critical exercises provided guidelines for reading Cardozo's work.

Keywords: Literature and periodicals; Joaquim Cardozo; *Diário de Pernambuco*; literary criticism.

1 Introdução

¹ O artigo deriva parcialmente de um capítulo da dissertação de mestrado defendida pela co-autora Késsia Kelle Flor de Lima em 2023, intitulada "A recepção inicial de *Poemas* (1947), de Joaquim Cardozo, no *Diário de Pernambuco*", no Programa de pós-graduação de Letras da Universidade Federal da Paraíba.

² Doutoranda no Programa de pós-graduação em Letras, UFPB. Mestre em Literatura.

³ Doutora em Teoria Literária, professora titular na Universidade Federal da Paraíba.

A dinâmica relação entre a literatura e a imprensa, que, nos oitocentos, reposicionou a atividade crítica em várias modalidades, encontrou nas primeiras décadas do século XX um campo fértil para importantes articulações entre intelectuais e escritores, tornando-se, quicá, uma das mais representativas e impactantes formas de legitimação de um autor. A imprensa, mais do que se configurar como o local por excelência da divulgação e da consagração das obras literárias, modulava um tipo de letrado que, para ter visibilidade na cena cultural e se instituir como um nome a ser considerado relevante em sua geração, deveria exercer nos jornais e revistas da época várias funções, as quais, além da publicação de suas produções artísticas nesse meio, também incluía a colaboração com críticas e resenhas de seus contemporâneos e, até mesmo, com atividades editoriais propriamente ditas.

Na posição de crítico literário nos suplementos artísticos de grandes jornais ou em revistas culturais, o escritor, em seu obrigatório ajuizamento de valor, fundamentado em postulações teóricas correntes ou as quais ele se irmanava, destacava-se por uma linguagem original, insidiosa e ambígua, que tanto dizia de si quanto do objeto de estudo. Dessa forma, os textos literários, do autor estudado e do crítico que se colocava diante desse objeto, prenunciavam um interessante diálogo que desafiava alguns limites constituídos entre as duas funções.

Um caso exemplar a ser considerado, nesse sentido, refere-se a algumas críticas recebidas por Joaquim Cardozo na década de 1940, por ocasião da publicação de seu primeiro livro de poesias, *Poemas* (1947), obra essa que, aliás, foi organizada por seus amigos, também poetas, para comemoração de seu quinquagésimo aniversário. Observa-se, nesse momento, o movimento de algumas figuras significativas da cena literária para dar visibilidade à poesia praticamente desconhecida desse autor, todavia já bastante apreciada pelos seus consortes mais íntimos, como Manuel Bandeira, que publicou em 1944, nas páginas do jornal carioca *A manhã*, a primeira reunião de algumas peças líricas de Cardozo, as quais anteriormente haviam circulado na década de 1920 em periódicos de Recife, e que, somente em 1946, viriam a lume em sua *Antologia de poetas bissextos contemporâneos* (Bandeira, 1946).

Se o poeta de Pasárgada teria “lançado” em âmbito nacional a obra poética cardoziana nas páginas do suplemento de um jornal carioca, em contrapartida, o próprio Joaquim Cardozo subscrevia desde sua juventude em Recife uma efetiva participação na imprensa, e, notadamente no *Diário de Pernambuco*, no qual, em 1914, iniciou sua relação profissional com a imprensa como caricaturista.⁴

A partir da década de 1940, o jornal passou a dedicar um significativo espaço para sua obra literária, tendo veiculado em suas páginas vários poemas do autor, entre eles: “Figuras do vento” (1944), “O cego” (1947), “Canção” (1948), “Tarde no Recife” (1952), “Recife morto” (1952), “Composição” (1953), “Soneto essencial” (1975) e “Soneto somente” (1975). Posteriormente, sua produção dramaturgica também teria destaque no jornal: *O coronel de Macambira* (1963) foi mencionado e comentado 23 vezes; *De uma noite de festa* (1971), 7 vezes; *Os anjos e os demônios de Deus* (1973), 1 vez; *O capataz de Salema* (1975), 6 vezes; e *Antônio Conselheiro* (1975), 2 vezes.

Além dessas colaborações diretas, o *Diário* dedicou 49 críticas à sua poesia e ao seu teatro, noticiou mais de 30 vezes sua atuação como engenheiro, registrou cerca de 35 menções à sua vida pessoal e citou 19 produções artísticas diferentes em 46 matérias. Assim, esse jornal

⁴ Na ocasião, o jovem caricaturista ilustrava os versos satíricos de Jäder de Andrade sob o pseudônimo “X.T.”, resultando em quinze caricaturas publicadas entre 22 de fevereiro e 13 de outubro daquele ano.

não apenas marcou o início da trajetória artística de Cardozo, como também acompanhou e difundiu suas múltiplas facetas – de caricaturista a poeta, crítico, dramaturgo e engenheiro –, evidenciando uma conexão duradoura e essencial entre o autor e o jornal ao longo de sua carreira.

Foi através desse periódico, aliás, que, em 1925, Joaquim Cardozo publicou sua primeira crítica literária intitulada “Um poeta pernambucano: Manuel Bandeira”. O ensaio foi veiculado no *Livro do Nordeste*, obra organizada por Gilberto Freyre (1979) para a comemoração dos 100 anos desse jornal, e foi posposto ao poema bandeiriano “Evocação do Recife”, encomendado especialmente para a ocasião a Manuel Bandeira por Freyre. Duas anotações merecem ser destacadas sobre essa estreia de Joaquim Cardozo na crítica literária: a princípio, o estudo de Cardozo apresentava uma nota de Gilberto Freyre, que introduzia o jovem crítico Cardozo como “De uma viva sensibilidade, é Joaquim Cardozo um dos poetas jovens mais interessantes de Pernambuco” (Freyre, 1979, p. 124), colocando-o já naquela época como um promissor homem de Letras; por outro lado, esse primeiro exercício crítico cardoziano tornou-se assunto entre o próprio Bandeira e Mário de Andrade, como pode ser acompanhado através da correspondência do poeta de Pasárgada enviada a Freyre:

Caro Gilberto,

Passei toda a tarde com o Mário metido no *Álbum do Diário*. [...] Do texto só li o artigo de Joaquim Cardozo e duas páginas sobre o seu século de vida social. Quero ir bem devagarinho. O artigo do Cardozo... Aquele sacana me deixou o coração numa podreira. Que sujeito penetrante vai entrando por a gente adentro me conte alguma coisa dele. (Bandeira *apud* Dias, 2017, p. 28-29).

Se durante as décadas de 1920 e 1930, o nome de Joaquim Cardozo era uma constante na cena intelectual recifense, – seja por sua presença mais do que celebrada no Cenáculo da Lafaiete⁵, como relata Souza Barros (2015) em *A década de 20 em Pernambuco*; seja por sua ativa participação na *Revista do Norte*, periódico no qual foi co-editor, além de ali ter publicado seus primeiros poemas e alguns textos críticos sobre pintura e literatura, – a partir de 1939, quando o autor se encontrava, por motivos políticos, em um exílio forçado no Rio de Janeiro⁶, o *Diário de Pernambuco* será o veículo que contribuirá de maneira mais efetiva para divulgar seu nome na região. Dessarte, interessa nesse estudo entender melhor como esse periódico exerceu um papel fundamental na recepção e posterior consolidação da poesia de Joaquim Cardozo no panorama literário de Recife, notadamente em um momento em que as notícias sobre o autor chegavam à

⁵ O Cenáculo da Lafaiete constituiu-se em reuniões realizadas no Café Continental, em Recife, ponto de venda de cigarros da Fábrica Lafaiete, de onde surgiu seu nome. O café se localizava em uma esquina próxima aos grandes jornais da época, e se tornou ponto de encontro para inflamados debates entre jornalistas, escritores, artistas e políticos. Souza Barros acentua a forte influência de Cardozo nos participantes do grupo: “Pode-se mesmo dizer que o grupo tomou saliência e uma determinada importância pela presença de Cardozo. Sabia, apesar de retraído, levantar os debates, trazendo questões interessantes para os bate-papos, pois era o mais informado, acompanhando com interesse o que passava na Europa, lendo e tendo assinaturas de revistas estrangeiras (Barros, 2015, p. 260).

⁶ Em 1939, Joaquim Cardozo foi nomeado paraninfo da turma de engenharia da Escola de Engenharia do Recife, e nessa ocasião aproveitou para fazer um discurso contra o então governo de Agamenon Magalhães. Em decorrência desse acontecimento, em 1940, Joaquim Cardozo foi obrigado a deixar sua cidade natal. Apenas em 25 de novembro de 1945, ano em que o governo de Agamenon Magalhães encerra, Gilberto Freyre quebrou o silêncio sobre o caso nas páginas do *Diário de Pernambuco*, em um artigo intitulado “Resposta a um ‘pernambucano desapontado’”, em que menciona brevemente a ausência de engenheiros como Joaquim Cardozo no Estado de Pernambuco (Freyre, 1945, p. 14).

região em textos difundidos em vários jornais do país, reproduzidos no *Diário de Pernambucano* através dos “Diários associados” (D.A.)⁷. Será, então, nas páginas desse jornal que o lançamento do primeiro livro de Cardozo, *Poemas*, e, conseqüentemente, a estabilização de seu nome com autor integrante de um seleto grupo de poetas modernistas, iria se dar simultaneamente no âmbito da capital do país, Rio de Janeiro, e de sua terra natal, Recife.

Nesse sentido, vale destacar três estudos críticos imediatamente posteriores à publicação de *Poemas* que, divulgadas no Rio de Janeiro e em Recife pelo D.A., referenciaram o livro, apresentando algumas questões as quais se tornariam emblemáticas nos estudos da obra cardoziana, ao mesmo tempo em que reforçariam o paradigma de divulgação e consagração pela imprensa de autores e obras a serem legitimados na cena literária daquele momento. Tais críticas, compostas por três escritores então renomados, Paulo Mendes Campos, Mauro Mota e Jorge de Lima, que exerciam concomitantemente atividades artísticas e atividades críticas nos periódicos da capital do país, constituem um caso exemplar de como, na imprensa da década de 1940, a cena intelectual se organizava e se legitimava entre os pares, e o alcance dessa interlocução.

À vista disso, esse estudo pretende analisar como tais exercícios críticos fundamentaram diretrizes para a leitura da obra cardoziana, além de exemplarmente reafirmarem a representatividade do papel do escritor-crítico, ao trazer à cena o papel fundamental da imprensa para a consagração e legitimação de escritores e obras na cena moderna da literatura. Para isso, percorreremos os três ensaios críticos, discutindo não somente como eles apreciaram o livro *Poemas*, mas como inseriram em seus textos elementos consoantes a sua própria obra literária, num diálogo profícuo que alimenta a leitura literária por vieses criativos e dinâmicos.

2 “Um poeta de bom-gosto”, Paulo Mendes Campos

A publicação no *Diário de Pernambuco* de uma crítica literária, noticiando o lançamento do primeiro livro cardoziano ocorreu em 18 março de 1948, e foi assinada pelo escritor Paulo Mendes Campos (1948c), que, na ocasião, era colaborador do *Correio da Manhã* e de *O Jornal*, ambos periódicos do Rio de Janeiro. A crítica, provavelmente a primeira sobre esse livro, intitulada “Um poeta de bom-gosto”, havia sido publicada previamente na imprensa carioca em 14 de março de 1948 em *O jornal* (Campos, 1948d), periódico que fazia parte dos “Diários associados”.

Paulo Mendes Campos havia adquirido visibilidade ao fazer parte de um grupo de escritores mineiros da década de 1940, o chamado “quarteto literário”, composto por, além dele mesmo, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Otto Lara Rezende, autores que receberam, em sua época, reconhecimento e atenção de vários nomes já consagrados na época, como Mário de Andrade e Vinicius de Moraes.

Conhecido especialmente pela sua maestria como cronista, Paulo Mendes Campos também participou de algumas antologias da poesia brasileira, como a obra organizada por Fernando Ferreira de Loanda, *Antologia da nova poesia brasileira* (1965), em que comparece com quatro poemas: “Os lados”, “O poeta do bar”, “A prostituta” e “Moscou-Varsóvia”; e a também bastante conhecida *Antologia poética da geração de 45*, organizada por Milton de Godoy Campos (1966), com o poema “Sonho de uma infância”. Nessa última, o organizador faz uma breve

⁷ Os “Diários associados” (D.A.) foram um conglomerado de mídia fundado em 1925 por Assis Chateaubriand, que replicava as matérias de vários periódicos do país entre seus associados.

apresentação do escritor, em que evidencia o lugar de destaque do jovem autor em sua geração:

Não há dúvida de que se trata de um intelectual, como já testemunhou Edgard Cavalheiro, “inteiramente dedicado aos fenômenos da criação poética que, pouco entre nós, têm compreendido e exposto com tanta clareza e dos melhores entre os elementos da jovem geração” (Campos, 1966, p. 150).

Em se tratando de sua inserção no cenário jornalístico, Paulo Mendes Campos é considerado um repórter “comunista”, que atuava oficialmente nos periódicos cariocas *Correio da Manhã* e *O Jornal*, e publicava conteúdos literários e políticos. Mais especificamente sobre seus textos acerca da literatura, Campos comentava sobre escritores internacionais renomados como Stéphane Mallarmé, Paul Valéry, Fernando Pessoa, Jean-Paul Sartre, Victor Hugo e Charles Baudelaire; e nacionais como Manuel Bandeira, Olavo Bilac, Emílio Moura, Mário de Andrade, João de Deus. De modo geral, em suas publicações, Campos se entusiasmava mais ao comentar sobre os conhecimentos acerca da poesia do que propriamente sobre os poetas, perspectiva apontada pelo próprio mineiro em um de seus textos, “A propósito de um artigo”, no *Diário de Pernambuco*:

Já me fizeram ver que estou sempre voltando nesta seção a certos poetas, repetindo-os e repetindo-me. Sem pretender desculpar-me de falhas, digo, entretanto, que a preferência por certas figuras explica-se pela convicção de que esses nomes vêm a ser um bom ponto de partida para o debate da poesia. Não são eles meus pretextos, porque afinal me anima muito mais o conhecimento da poesia do que a discussão dos poetas (Campos, 1948a, p. 1).

Sua linguagem era relativamente simples e direta, apesar de que, em diferentes momentos, essa “facilidade” se diluía em conteúdos e referências literárias que escapariam do conhecimento de um leitor casual de periódicos, o que restringiria seus estudos a um grupo mais selecionado de público. Analisando suas diferentes críticas, é possível apontar que o escritor, ao valorizar com mais ênfase a nuance estética das produções literárias, criticava especialmente a adesão aos modismos entre os poetas, uma vez que admirava enfaticamente a singularidade, a individualidade e a originalidade literária.

No espaço na imprensa, além dos jornais citados, Campos era anunciado e republicado em periódicos brasileiros diversos – *Diário de Pernambuco* (PE), *Diário da Manhã* (PE), *Jornal do Commercio* (MA), *O Cruzeiro* (RJ), *Letras e Artes* (RJ), *Diário de Natal* (RN), *Leitura* (RJ), *Jornal de Notícias* (SP), *Sombra* (RJ), entre outros –. Mais especificamente acerca do *Diário de Pernambuco* na década de 40, como comentado anteriormente, apareceram 41 (quarenta e uma) ocorrências com o nome de Paulo Mendes Campos, 21 (vinte e uma) dessas ocorrências tratam-se de leituras críticas literárias, e o maior número de ocorrências verifica-se no ano de 1948, momento em que mais atuou diretamente nos periódicos cariocas, exercício que o afastou do grupo literário mineiro e o tornou, na época, um escritor de periódicos solitário, como é comentado na última ocorrência da década que aponta o seu nome no *Diário*:

Paulo Mendes Campos, outro moço da falada geração, deve também ter sido um entusiasmado, presa daquele interesse fácil, contagiante, que os

acontecimentos na Europa originaram aqui porque todos se sentiam “embarquês”... Interesse sincero uns, fabricado noutros, onde estão começa o capítulo das conveniências. Mas Paulo Mendes Campos se tornou depois o solitário do “Jornal de Poesia” (Davi, 1949, p. 8).

Foi justamente através dessa seção que Campos publicou a matéria sobre o livro cardoziano, matéria essa que ocupou duas páginas do *Diário de Pernambuco*:

Figura 10 - “Um poeta de bom-gosto”, Paulo Mendes Campos, 1948.

JORNAL DE POESIA
Um Poeta de Bom-Gosto
 Paulo Mendes CAMPOS

Costumamos receber muitos livros de poetas novos. Se raramente não os comentamos nesta seção é que a poesia muda, com suas incertezas e tentativas, pode ser melhor criticada pessoalmente, em seu aspecto principal, pondo-se o trabalho estéril de emitir todas as qualidades e defeitos dos poetas que aparecem agora. Admiramos com entusiasmo o talento de muitos novos autores, assim como lamentamos sinceramente uma equívoca tendência para a “chantage” poética da nova geração. Entretanto, preferimos empregar todo nosso esforço em extrair dos acontecimentos poéticos do dia uma lição mais ampla, pelo menos que se concretizem as aspirações individuais e, se for possível, coletivas.

Hoje, porém, estamos aqui para tratar do primeiro livro de um poeta cujas produções mediam no espaço de 1925 a 1947. Joaquim Cardoso, incluído há pouco tempo por Manuel Bandeira em uma antologia de “belares” brasileiros, reuniu agora quarenta e três poemas em um volume. Esta primeira informação nos esclarece a respeito de uma virtude que distingue Joaquim Cardoso entre nós, e que assinala igualmente, em profundidade, uma das constantes fundamentais desse poeta: o espírito de seleção.

Muitos poderiam dizer que é uma pena, dada a qualidade poética desse livro, não ter Joaquim Cardoso se dirigido definitivamente na poesia, desde suas primeiras criações em verso, o que nos teria proporcionado um poeta mais numeroso. Não se inclinasse a esse generoso. Sem dúvida, os poemas de Joaquim Cardoso atariam que, produzindo muito ou produzindo pouco, o poeta conseguiria sempre manter a excepcional qualidade de seus versos. Porém, ainda que não o afirmamos categoricamente, a natureza mental desse poeta, não sendo necessária conhecê-lo pessoalmente (como é o meu caso) para surpreender a tendência seletiva de seu espírito, o hábito da crítica. Em literatura, dessa espécie de lucidez decorre o bom-gosto. Tornando consequente essa afirmação, apreendemos tudo que há de mais característico nos poemas de Joaquim Cardoso: a elegância no exprimir o anti-manifesto, a sensibilidade contrapontada pela reflexão, a preocupação minuciosa das palavras e das idéias.

Não temos muitos poetas como Joaquim Cardoso. Nossa natureza e formação, mais confusamente angustiada do que de fato sensível, tem nos proporcionado uma poesia que, a ingratul, permanece insubordinada nas manifestações mais espontâneas da individualidade, o amor, a solidão, a morte. Em Joaquim Cardoso, a sensibilidade se desdobra, procurando em outras solicitações menos eloquentes e satisfatórias. Como assinou Carlos Drummond de Andrade, em um prefácio muito bom, os temas desse poeta são a Província e o Espírito. Basta-nos isso para situá-lo com palavras especiais, acrescentando-lhe apenas que “POESIA” Editora Agir de Joaquim Cardoso não nos transmite só o conhecimento de um espírito curioso e raro entre nossos literatos, revela-nos também a 2ª página

UM POETA DE BOM GOSTO
 (Continuação da 1ª página)

um poeta de invulgar equilíbrio, um poeta que se comportou de maneira simpática e serena no meio das contradições e irresponsabilidades que frequentam a poesia moderna.

SIDNEY KEYES

Sidney Arthur Kilworth Keyes nasceu na Inglaterra em 1882, e incorporado ao exército em 1904, foi enviado em Tunísia por vinte anos de idade. Poeta de excepcional talento, Sidney Keyes, em sua curta vida, deixou alguns poemas que bastaram a um crítico para apontá-lo como o poeta da última guerra, na Grã-Bretanha, assim como Wilfrid Owen e Siegfried Sassoon foram os poetas mais destacados e representativos da sua geração, durante a guerra de 1914. Este é o poema que traduzimos “Uma Morta Presença”.

Este é o dia em que a sua morte será recordada
 Por todos que choram;
 Este é o dia em que sua dor será recordada
 Por todos que sofrem.
 Os ventos que correm nos vales ardeados pelo gelo
 Trazem o aroma da primavera e chegam que resubalece.
 Entreabre as mãos que curam permanecerem enlaçadas como
 as passadas mortes.

Sua quietude é consolo para nós que o vimos.
 Mas, que consolo posso achar para sua mãe?
 Ela que da osso torção glória e plantou
 A delicada árvore de nervos e de fúria.
 Respondeu livemente se veio amada?
 Sua dor caminha através de um país devastado
 Cujas árvores com garras de espinhos selvagens, sustêm
 O pálido corpo de seu filho, fustigado sobre espinhos.

CANÇÃO
JOAQUIM CARDOSO

Venho para uma seleção de águas nos teus olhos.
 Ouves? É o rumor da noite que vem do mar.
 Meu amor.

Ferir de mim e teu corpo cheirando a flor de cajuputi,
 Que saudades do sol. Do mar de sol.
 Do nosso mar de longedades.

Escute:
 À noite que vem cantando
 Vem do mar.

Para que eu voltasse tu me prometteste novas carícias
 No entanto o que me dá agora é ainda o mesmo amor
 De antigamente.
 E depois está mais velha.
 Os teus olhos bruxuleiam.
 Os teus lábios se apagam.

Eu vou partir.
 As barbas vão passando junto ao rosto.
 Eu vou partir, viajar.
 Ilapituma, Goiana, Ilamarant.

Olha o verão que vem:
 Viva o verão que vai chegar.
 Viva a paisagem rítmica dos cajuputis que vão florir!
 Eu vou partir, viajar.

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1948, p. 1-2).

Inicialmente, é interessante comentar sobre a escolha do título, “Um poeta de bom-gosto”, que remete a uma das características de seus exercícios críticos no suplemento “Jornal da poesia”: Campos dificilmente apresentava no título de suas publicações o nome do poeta/escritor com o qual iria discutir. Em sua grande maioria, utilizava o espaço para apontar uma qualidade que marcaria o estudo e a personalidade apresentada. Conhecendo a predileção do escritor em discutir o processo de construção literária, possivelmente seria uma maneira de enaltecer mais o desempenho na produção dos poetas/escritores do que a exaltação de um nome.

O texto propriamente dito se inicia com a justificativa de que ele não comentava produções de novos poetas, e, de fato, como dito anteriormente, Campos dedicava seus estudos a comentar sobre escritores canônicos; entretanto, a poesia de Joaquim Cardozo apresentaria singularidades que mereceram ser expostas na seção, pois tratava-se de uma obra de “bom-gosto”. Mas o que seria esse “bom-gosto” para o escritor mineiro? Sua resposta estaria em uma publicação divulgada anteriormente à respectiva crítica, publicada no *O Jornal* assim como no *Diário de Pernambuco*. Sobre o “bom-gosto”, o crítico comenta na crônica “De um caderno”:

O bom-gosto é uma limitação anti-dionisiaca por excelência. A pessoa que “come bem” desconhece o prazer da voracidade, assim como o entendido em música não pode experimentar a doce languidez de canções banais. Um senhor de minhas relações leva seu próprio bom-gosto a quase todos os terrenos – é um apolíneo. Come bem, bebe bem, veste-se bem, conversa bem, ornou sua casa do que há de melhor em decoração, dotou sua discoteca exclusivamente de peças irrepreensivelmente belas (Campos, 1948b, p. 3).

Comentando sobre o “bom-gosto”, Campos impõe a ideia de um prazer mais próximo do raciocínio, do equilíbrio, mais clássico, e, portanto, mais afastado do emocional, da apressada espontaneidade. Desta forma, compreende-se a adjetivação de Campos sobre a construção poética de Cardozo, que sublinha um “hábito da crítica” que perpassa o “bom gosto”, tornando-o um “antirromântico”. Nesse sentido, o critério para a validação da obra centra-se no cuidado extremo da elaboração formal.

É importante lembrar que, na década de 1940, segundo Wilson Martins, em *A crítica literária no Brasil*, o ensino de literatura nas escolas, que comumente era baseado nos franceses, começou a descobrir as letras a partir dos críticos norte-americanos (Martins, 1983, p. 598-599), mais especificamente os *new critics*, que orientavam suas leituras por um *close reading*, fundamentando uma avaliação formalista. Tal orientação crítica, que também seria consoante à produção literária do grupo que ficou conhecido como “geração de 45”, foi descrita por Martins da seguinte forma:

Mas, como se definiria, em perspectivas críticas, a “geração de 45”? Foi, antes de mais nada, um retorno ao esteticismo e à retórica, no que se mostrava consanguínea com as novas concepções críticas (e vice-versa), marcando, com clareza e decisão, o primeiro passo em direção ao formalismo. Sua posição era deliberadamente antimodernista e assim foi tomada em seu período de esplendor, ainda que se registrem, nos últimos anos, dois esforços

complementares de reconstrução histórica: um, para conciliá-la, em vez de opô-la, ao Modernismo; outro para criar-lhe, retrospectivamente, uma doutrina coerente, tentativas, desnecessário acentuar, inconciliáveis e contraditórias entre si (Martins, 1983, p. 599).

Apesar de ser infundado uma inserção de Joaquim Cardozo no grupo de 45, e, de fato, em qualquer grupo, lembrando as palavras do prefácio de Drummond: “Modernista mais ausente que participante” (Andrade, 1947, p. 8), a partir das considerações de Martins, podemos aventar a hipótese de que, nessa época, os estudos críticos receberam a influência do apreço pela forma e pelo processo literário racional. Por isso, dentro dos nomes comentados por Paulo Mendes Campos na seção “Jornal de Poesia”, o escritor mineiro privilegia os poetas cujos conhecimentos dialogam com o “antirromantismo”, com a racionalidade, ou seja, com o processo poético artesanal, no qual todo o procedimento é calculado. No que se refere aos poemas de Joaquim Cardozo, aliás, vale registrar que tal questão já havia sido anunciada por prefácio drummondiano acima citado, quando o autor de Itabira aproxima o poeta pernambucano com Valéry, por sua paixão pela Ideia. Para o prefaciador, a poesia cardoziana apresentaria um “espectador sensível da máquina do universo, o que o interessa é, por fim, um resultado intelectual” (Andrade, 1947, p. 11).

Na sequência, Campos fez uma breve menção sobre a inclusão de Cardozo na *Antologia de poetas brasileiros bissextos*, de Manuel Bandeira: “Joaquim Cardozo, incluído há pouco tempo por Manuel Bandeira em uma antologia de ‘bissextos’ brasileiros, reuniu agora quarenta e sete poemas em um volume”. É curioso notar que, juntamente com Cardozo, o próprio Paulo Mendes Campos foi inserido na *Antologia* de Bandeira, presença não comentada nesse seu texto; todavia, em artigo publicado no *Diário Carioca*, “Os bissextos”, em outubro de 1946, Campos não somente apresenta uma leitura crítica dessa coletânea, mas também justifica as razões que o levaram a comentar um livro no qual ele próprio está inserido:

O fato de meu nome estar incluído na antologia de poetas bissextos que Manuel Bandeira organizou, publicada agora, não me acabrunha a liberdade de comentá-la. Pelo contrário, me sinto muito à vontade e descompromissado de modéstias: a fração de minha responsabilidade na autoria do livro é mínima [...].

[...] Pode-se afirmar desta maneira que os poemas sentimentais dos bissextos, não sendo uma necessidade orgânica de expressão através da linguagem, não passam de autoterapêutica. Isto distingue o bissexto dos poetas em que a poesia é uma solicitação constante, os contumazes... Porque o antônimo de bissexto, esclareceu ainda Pedro Dantas, é costumaz, indivíduo que, por sofrer talvez a “dor de Menelau” da infância à velhice, e de um modo amplo, indeterminado e incurável, apegase aos versos como o ébrio à garrafa de aguardente [...](Campos, 1946, p. 2).⁸

⁸ Curiosamente, em 1964, ano considerado bissexto, Manuel Bandeira publica a segunda edição da *Antologia de poetas brasileiros bissextos*, entretanto, Joaquim Cardozo e Paulo Mendes Campos não se encontram na respectiva edição, circunstância que apontaria a transferência de categoria de ambos poetas, deixando de ser bissextos e se tornando “costumazes”. A reconsideração dos poetas para a categoria justifica-se pelo fato de, após a publicação da primeira edição da *Antologia*, os escritores publicaram com mais recorrência. No caso de Joaquim Cardozo, o poeta já havia publicado *Poemas* em 1947, *Prelúdio e elegia de uma despedida* em 1958, e *Signo Estrelado* em 1960; por outro

Com base nessas informações, pode-se observar que, em 1948, ano de publicação de “Um poeta de bom-gosto”, Campos ainda não havia publicado nenhum livro, circunstância que o definiria, teoricamente, como um poeta bissexto, e mais como um jornalista e crítico literário do que um escritor propriamente dito, condição que, de certa forma, iria aproximá-lo, uma vez mais, da trajetória de Cardozo.

Na crítica em questão, Campos, de fato, reconhece em Joaquim Cardozo uma maturidade poética que se refletiu na tranquilidade e na seletividade dos poemas publicados, focando na qualidade e não na quantidade. Para o autor da crítica, Joaquim Cardozo não se preocupava em demonstrar que produziu muitos poemas durante os anos de 1925 a 1947, mas havia publicado em seu primeiro livro apenas o que acreditava ser bom o suficiente para vir à lume, fugindo do interesse imediato em expor as suas produções, comportamento que seria habitual entre os novos poetas modernos, transparecendo o que o cronista chamou de o “espírito de seleção”. Como comentado anteriormente, Campos constantemente desaprovava novos poetas que se voltavam a modas e repetições sem demonstrar personalidade, o que justifica a sua insistência em comentar repetidamente determinadas referências literárias já consagradas; por conseguinte, a partir da sua rigorosa seleção de poetas e escritores que julgava apresentar qualidade estética, infere-se que Campos considerou a poesia de Joaquim Cardozo notável entre as novidades que surgiam.

Nesse sentido, o texto destaca três atributos presentes na poesia de Joaquim Cardozo que o definiriam como o “poeta de bom-gosto”: “a elegância no exprimir o ‘antirromantismo’, a sensibilidade contrapontuada pela reflexão, a preocupação minuciosa das palavras e das ideias” (Campos, 1948c, p. 1). Como se observa, as características descritas se orientam por uma postulação clássica – equilíbrio, harmonia, racionalidade –, e é interessante lembrar aqui que o romantismo já havia sido criticado por Campos em publicações anteriores, como no texto “Sobre poesia”, publicado em *O jornal* em 31 de março de 1946, quando Paulo Mendes Campos comenta sobre o romantismo:

Devemos verificar, antes de tudo, que toda grande poesia é clássica. Não clássica no sentido de identificação ao passado, mas classicismo que significa redução do mistério e de matéria prima fornecida pela existência por meio de uma forma, classicismo que significa superação das circunstâncias a fim de exprimir o mundo de um modo mais sábio e mais orgânico. Sob este aspecto, **romantismo é arte ruim, arte preguiçosa, sub-arte**. É claro, um autor pode realizar uma grande obra de ideias ou de sentimentos românticos, mas seu fim é sempre conseguido por meio de uma técnica clássica, ou seja, quando justifica seus ideais românticos através de um processo clássico (Campos, 1946, p. 2, Grifo meu).

Tal posicionamento teria sido o principal critério na avaliação da poesia cardoziana, que, segundo Campos, seria caracterizada pelo equilíbrio entre o sentimentalismo e a racionalidade, tornando suas produções racionais/intelectuais sem se esquivar do subjetivismo

lado, Paulo Mendes Campos publicou o seu primeiro livro, *A palavra escrita*, em 1951, e *O Domingo Azul do Mar*, em 1958.

poético. Em suma, Campos evidencia uma sensibilidade diferente em Cardozo:

Não temos muitos poetas como Joaquim Cardozo. Nossa natureza e formação, mais confusamente angustiada do que de fato sensível, tem nos proporcionado uma poesia que, em geral, permanece mergulhada nas manifestações mais espontâneas da emotividade, o amor, a solidão, a morte. Em Joaquim Cardozo, a sensibilidade se desdobra, procurando em outras solicitações menos eloquentes a satisfação lírica. [...] Joaquim Cardozo não nos transmite só o conhecimento de um espírito curioso e raro entre nossos literatos: revela-nos um poeta de invulgar equilíbrio (Campos, 1948c, p. 1).

Ao final da crítica, em sua segunda parte, Paulo Mendes Campos também aprecia a personalidade do poeta, que teria mostrado sempre equilibrado e indiferença às relações e situações espinhosas que ocorriam na esfera da literatura moderna: “um poeta que se comportou de maneira simpática e serena ao meio das contrafações e irresponsabilidades que frequentam a poesia moderna” (Campos, 1948c, p. 2).

Por último, Campos apresentou o poema cardoziano “Canção”, que exemplificaria o estilo “antirromântico” em Cardozo, e reiteraria o trabalho artesanal da linguagem poética nesse autor. Dessa forma, em “Canção”, Paulo Mendes Campos destaca em Cardozo um sentimentalismo reflexivo que se esquia da espontaneidade, reiterando em uma forma e tema tão recorrentemente romântico a primazia da preocupação com a fatura poética.

3 “Recife morto”, Mauro Mota

Coincidentemente, no mesmo dia em que a publicação de Paulo Mendes Campos foi divulgada, 21 de março de 1948, Mauro Mota comparece na seção “Literatura da semana” do *Diário de Pernambuco* com a resenha intitulada “Recife morto” (Mota, 1948b). Entretanto, diferentemente do que ocorreu com o estudo de Paulo Mendes Campos, a publicação assinada por Mauro Mota originou-se do próprio periódico pernambucano, e não foi republicada em outros periódicos, fato que joga uma luz quanto à reciprocidade das republicações do D.A.: os textos publicados na capital eram reproduzidos por periódicos de outras regiões, no entanto, os textos de outras regiões não necessariamente se reproduziam nos jornais da capital.

Mauro Ramos da Mota e Albuquerque foi um jornalista, poeta, e ocupou o cargo de redator-chefe e diretor do *Diário de Pernambuco*. Além disso, ele colaborou com o *Correio da Manhã*, o *Jornal de Letras* e o *Diário de Notícias*. Eleito presidente da Academia Pernambucana de Letras em 1957, posteriormente o autor participou da indicação de Joaquim Cardozo a essa casa.

Como poeta, nota-se a participação de Mota em várias antologias e nas historiografias literárias brasileiras, a começar com a *Antologia da nova poesia brasileira*, de Fernando Ferreira de Loanda, na qual o escritor pernambucano comparece através de seis produções líricas; tal informação nos leva a crer que Mota de fato era uma personalidade interessante para a “Geração de 45”, situação que justificaria o seu aparecimento também na antologia de Milton de Godoy Campos, *Antologia poética da geração de 45*, como se observa no comentário do organizador da obra:

As comoventes elegias dedicadas à esposa morta elevaram o nome do poeta Mauro Mota como um dos mais sensíveis da geração nordestina [...]. Em sua linguagem sem mistério, mostrou-se, com mais personalidade, a paisagem do Recife, suas imagens familiares seus costumes e suas tradições. Os pequenos dramas do homem cotidiano são descritos com naturalidade e espontaneidade, ascendendo a poesia à medida que o drama de cada um se desnuda como verdade. Álvaro Lins caracterizou a sua poesia como uma “espécie de realismo mágico, uma extraordinária capacidade para transfigurar o imediato e o cotidiano em simbologia poética (Campos, 1966, p. 163).

A relevância do autor foi reiterada em outras antologias que também constaram a poesia desse autor pernambucano por várias décadas, como as *Coletânea de poetas pernambucanos*, de Oliveira e Silva (1951); *Antologia de poetas brasileiros*, de Manuel Bandeira e Waldir Ayala (1967); *O Recife pela voz dos poetas*, de Luiz do Nascimento (1977); *Antologia da poesia brasileira contemporânea*, de Carlos Nejar e Eduardo Portela (1986); *Seleção de autores pernambucanos*, de Audálio Alves, Humberto Vasconcelos, Orlando Parahym e Roberto Benjamin (1987). Assim como apontado em Paulo Mendes Campos, o registro da poesia de Mauro Mota, nessas coletâneas, marcam o impacto de sua obra, quer por sua afinidade, como dito acima, com a geração de 45, quer pela ativa atuação na cena literária de Recife.

Contudo, de fato, Mauro Mota destacou-se com a colaboração intensa na imprensa, através das divulgações e discussões que desenvolvia nas páginas dos periódicos brasileiros. A esse respeito, o jornalista inicia a sua aparição em jornais escolares, como em *O Colegial*, e, posteriormente, colaborou com o *Diário da Manhã* (PE), *Diário de Notícias* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ), *Jornal de Letras* (RJ); mas foi na década de 1940 que Mota consolidou seu papel na imprensa através do *Diário de Pernambuco*. Contextualizando: Aníbal Fernandes convidou Mauro Mota, em dezembro de 1947, para exercer o cargo de secretário de redação desse periódico, e, posteriormente, a assumir a direção do *Diário*, o que propiciou o lançamento de um suplemento literário denominado “Literatura da Semana”, o qual estaria ativo por uma década. O objetivo do respectivo suplemento era projetar o desenvolvimento literário regional, atribuindo novo valor ao jornalismo, à poesia, ao ensaio, à ficção locais, isto é, todo processo evolutivo cultural da região do Nordeste. Tal proposta estimulou outros periódicos da região, pois iria excitar uma febre de renascimento pelo gosto das letras, conseguindo agregar neste movimento outras localidades, em revistas e periódicos, como Jambo informa: “Por meio de ‘Literatura da Semana’, Mauro Mota animou jovens escritores de uma forma nunca antes experimentada. Comentava-os, estimulava-os, divulgava-os, ao tempo em que os apoiava em suas próprias células regionais – em suas cidades” (1975, p. 406). Desta forma, de 1947 a 1959, Mauro Mota, através desse suplemento de quatro páginas, deu vida a uma das mais interessantes e ativas seções culturais na imprensa nordestina, com a colaboração de diferentes escritores e jornalistas.

Pode-se afirmar que suas publicações no jornal adotaram uma perspectiva crítica analítica e interpretativa. Mota buscava examinar e avaliar as obras literárias com base em critérios estéticos, históricos e culturais. Por seu lado, seu estilo impregnava-se de sua atividade jornalística, visto que as análises literárias eram claras e objetivas, e buscavam uma comunicação que não dificultasse o entendimento dos leitores, perspectiva essa que dialoga com o momento crítico literário que rondava o cenário jornalístico, como se observa em Broca (1956), autor o qual afirma que, no início do século XX, o folhetim, forma dominante nas páginas jornalísticas

no século XIX, havia perdido espaço para as crônicas focadas em uma única temática, e para críticas com um teor mais “noticialístico”, dedicadas mais especificamente às novidades literárias (Broca, 1956, p. 209). Assim, entende-se que a atuação crítica de Mauro Mota seguia essa orientação, e se dedicava a propagar as novidades de escritores e obras através de publicações destinadas a um público amplo e heterogêneo, de forma objetiva e concisa, ao mesmo tempo em que valorizava o capital simbólico que formava a identidade e a essência das províncias.

A partir do acesso aos novos escritores locais, o jornal tornou-se um órgão influente para a divulgação de obras literárias, facilitação que foi compreendida e aproveitada por Mauro Mota, como evidenciado em entrevista n’*O Jornal*:

Chegamos – diz Mauro Mota – a uma evidente conclusão: mais do que os grupinhos de mesa-de-café, os grêmios e associações litero-educativas que proliferam com certa intensidade os suplementos literários do Recife vêm contribuindo para a transformação literária do Nordeste. Não temos, é certo, editoras e também não vejo possibilidades de se criar uma de invejável capacidade. A gente do Nordeste é pobre e lê muito pouco. Mas o jornal se infiltra facilmente, é recolhido no interior e pela maioria dos que habitam a capital, qual verdadeiro “pão de espírito”. Por longo tempo dominaram as transcrições, tenha-se a impressão de que no Recife pouco se escrevia, o que não é e nunca foi verdade, ideia de criar uma página exclusivamente para acolher as produções do pessoal de casa (Mota *apud* Guerra, 1949, p. 3).

De maneira geral, as publicações de Mota apresentam críticas políticas, divulgação de livros, revistas e estudos literários. No que se refere aos estudos literários, o jornalista e poeta pernambucano discutiu sobre diversos escritores renomados, como Augusto do Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, Murilo Mendes, Joaquim Cardozo, mas, sobretudo, Mauro Mota também utilizava suas publicações para divulgar grupos e escritores da região, muitas vezes desconhecidos, com o intuito de propagar seus estudos nas províncias nordestinas. Como exemplo, pode-se mencionar que, no ano da crítica ao livro de Cardozo, em 1948, Mota apresentou matérias que divulgavam os grupos concentrados em diferentes pontos do Nordeste: em “Literatos municipais”, ele problematiza sobre os literatos das diferentes regiões e evidenciava a influência do meio sobre o homem (Mota, 1948a, p. 6); em “Tudo canta em Maceió”, o estudo aponta sobre um grupo de escritores alagoanos que publicaram na época (Mota, 1948d, p. 6); “Registro sobre dois livros do Nordeste”, o jornalista divulga os livros de Lopes de Andrade e Veríssimo de Melo, ambos materiais que apresentam a disposição física da região (Mota, 1948c, p. 6).

Essa orientação também implicava autores “novos” locais que não estavam na região, como Joaquim Cardozo, na ocasião da publicação de sua primeira obra. Através do texto “Recife morto”, o referido escritor divulgou o livro *Poemas* de Cardozo em seu suplemento literário, no *Diário de Pernambuco*, em 21 de março de 1948 (Mota, 1948b):

Figura 11 - "Recife morto", Mauro Mota, 1948.

RECIFE MORTO
Mauro MOTA

Por iniciativa dos amigos de Joaquim Cardozo, acabam de sair no Rio, da "Editora Agir", os "Poemas" do grande poeta pernambucano. Prefácio de Carlos Drummond de Andrade, ilustrações de Luís Jardim e capa de Santa Rosa. O livro inclui 43 poemas escritos entre 1924 e 1947. Nova edição dele acha-se em preparo no "O Livro Inconsútil", em Barcelona, sob a direção do nome consui na, aquela cidade, João Cabral de Melo Neto.

Estas são as informações sobre Joaquim Cardozo editado, porque sobre Joaquim Cardozo poeta nada é preciso dizer mais aqui. O seu "bissextismo" anotado na antologia de Manuel Bandeira poderia existir para gente de longe, mas nunca para a gente do Recife de Cardozo e do Recife dos poemas de Cardozo. Nunca uma terra e um rio foram tão constantes na obra de um poeta e nunca um poeta foi tão constante no amor quase físico à sua terra e ao seu rio, como é o caso do Recife e do Capibaribe diante de Cardozo e de Cardozo diante do Capibaribe e do Recife.

Mas não se veja nesta preferência uma preferência simplesmente geográfica, fraqueza de itinerário ou restrição temática, mas a capacidade pessoal de sentir um mundo antes só percorrido pela superfície.

Depois de ler esse livro, a impressão que nos fica é a de que o Recife era uma cidade mergulhada na escuridão profunda e indezível. Passávamos pelas ruas lá.

Uma das ilustrações de Luís Jardim para os "Poemas" de Joaquim Cardozo

trando, os olhos inúteis diante das belezas circundantes. Foi Joaquim Cardozo quem acendeu os bicos de lampião nas grandes trevas, deixando-nos como um sonâmbulo que não sabe onde está no momento de recuperar a consciência.

"Agora a ouvir as horas que as torres apregoam vou navegando no mar de sombras das vielas e o meu olhar penetra o reflexo, o prodígio, a humilde proteção dos telhados sombrios, o equilíbrio burguês dos portais e dos muros, a fronteira curiosa das sacadas.

As janelas das velhas casas negras, bocas abertas desdentadas, dizem versos para a mudez imbecil dos sapatos imóveis.

Vagam fantasmas pelas vielas, ruas ao passo que em fútil e (voz fina do vento) faz rir os cartazes.

Asas imponderáveis, húmidos [veus anôni] Figuras amplas dilatadas pelo tempo, vultos brancos de aparições [extranhas]."

O Recife morto é o Recife libertado e é por isso que a sua alma pura e onipresente é a mesma alma nesses cantos, que não ficarão perdidos dentro do confusãoismo das vezes ocasionais porque, como os cavalos das "Espumas do Mar", (um dos mais belos poemas) chegam com a força indomável para correr na frente dos longos tempos.

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1948, p. 5).

Sobre a escolha do título do respectivo estudo, "Recife morto", é interessante notar que, ao analisar as diferentes publicações divulgadas por Mauro Mota na época, constata-se que o poeta dos subúrbios recifenses costumava associar o escritor/poeta com a sua região, como já comentado anteriormente. Isso também se aplica a Joaquim Cardozo, pois além de evidenciar o título de um poema cardoziano, "Recife morto", Mota apresenta o poeta através da relação com a sua cidade natal, dado fundamental para justificar a presença desse autor em sua coluna.

No primeiro parágrafo, é possível perceber que a crítica já apresenta um juízo de valor, pois ao adjetivar Joaquim Cardozo como um "grande poeta pernambucano", Mota estaria certificando ser Cardozo um poeta altamente representativo dessa região. Além da adjetivação, Mauro Mota demonstra um reconhecimento prévio do livro, ao mencionar o prefácio de Carlos Drummond de Andrade, e as ilustrações de Luís Jardim e de Santa Rosa, referências de artistas legitimados nacionalmente, e que reiterariam e atestariam a qualidade da produção cardoziana. Indo além, no segundo parágrafo, Mota reafirma a qualidade poética de Cardozo ao se referir à antologia dedicada a Cardozo organizada por João Cabral de Melo Neto por sua editora Livro Inconsútil, a qual já havia publicado *Mafuá do Malungo*, de Manuel Bandeira, e *Acontecimento do Soneto*, de Lêdo Ivo, entre outros. É importante ressaltar que, até então, a obra sobre Joaquim Cardozo organizada por Cabral não possuía título, mas posteriormente, em 8 de maio de 1949, o *Diário de Pernambuco* a divulgaria na seção de Mota, "Literatura da Semana", sob o título "Antologia pernambucana", sem assinatura:

Teve o jovem poeta pernambucano João Cabral de Melo, que se acha

consulado na Espanha, a iniciativa de homenagear outro poeta pernambucano, esse de 50 anos, Joaquim Cardozo, o mais raro e esquivo dos poetas brasileiros. Vai daí publicar, na sua série de pequenos volumes compostos e impressos à mão, uma breve antologia pernambucana.

São dez poemas de Joaquim Cardoso, apenas dez, mas cada qual mais vivo e impregnado de atmosfera pernambucana. Os coqueiros de Olinda, os cajueiros e mangueiras do Recife enterram suas raízes nas entranhas da poesia desse bissexto. E há os mangues, as velas de barcaças e jangadas mar afora, subúrbios de província, domingos de verão, calçadas altas e telhados de biqueira - a paisagem que se gravou para sempre na retina do poeta e que está nítida e para sempre na sua poesia (Antologia, 1949, p. 8).

Mota também aborda a inclusão de Joaquim Cardozo na antologia de Manuel Bandeira, discutindo a atribuição de bissexto que lhe havia sido dada, pois destaca que Cardozo sempre esteve presente e ativo com sua poesia para os mais próximos, como evidenciado nas reuniões do Cenáculo Lafaiete, grupo no qual o autor de *Poemas*, como apresentado anteriormente, era personalidade de destaque nas discussões literárias.

De fato, ao longo do texto, Mauro Mota destaca majoritariamente a profunda relação de Joaquim Cardozo com a capital pernambucana através de seus versos. O poeta recifense é retratado como alguém que evoca uma sociedade desatenta com sua própria identidade e importância, transmitindo o sentimento de reconhecimento e relevância da terra que estava sendo obliterada. Tal preocupação em fixar sua terra natal, teria encontrado em Joaquim Cardozo, como enfatiza Mota, uma excelência poética: "Nunca uma terra e um rio foram tão constantes na obra de um poeta e nunca um poeta foi tão constante no amor quase físico à sua terra e ao seu rio, como é o caso do Recife e do Capibaribe diante de Cardoso e de Cardoso diante do Capibaribe e do Recife" (Mota, 1948b, p. 5).

É interessante aqui notar que, ao ressaltar a essência íntima da província expressa na poesia de Cardozo, Mota também faz uma referência à perspectiva apontada pelo prefácio de Drummond de que a lírica do poeta pernambucano não se limitaria apenas à sua geografia, mas sim apresentaria o "Espírito" da "Província". Isso implica que mesmo os conteúdos que envolvem a "Província" na lírica cardoziana são mantidos com racionalidade e intelectualidade em seu processo de construção.

Outrossim, Mauro Mota atenta para o princípio poético e o imagético presente em *Poemas*, especialmente no que se refere à relação de Cardozo-Recife e Cardozo-Capibaribe; ambos os elementos são unificados pelo poeta, transfigurados em um só, levando a uma revelação, a uma epifania, e tal transmutação poética faria com que esses dois referenciais geográficos se desdobrassem em outros sentidos na poesia de Cardozo. Assim, Mauro Mota explora cuidadosamente a poesia de Joaquim Cardozo, destacando suas conexões com a região e com a própria essência da província, o que tornaria sua poesia significativa e relevante para além das fronteiras geográficas.

Em relação aos dois poemas cardozianos que ilustram o texto de Mauro Mota, tanto "Recife morto" quanto "Espumas do mar" compartilham características líricas e uma certa intensidade poética, mas diferem em termos de tema e tom. "Recife morto" retrata uma imagem desolada e abandonada da cidade do Recife, utilizando uma linguagem concisa e direta, a qual evoca um sentimento de abandono, destacando a decadência da cidade face aos processos de modernização, enfatizando uma atmosfera melancólica e desoladora; em termos de estilo, a produção lírica apresenta métricas irregulares e versos livres. Por outro lado, "Espumas do mar",

citado na crítica indiretamente pela ilustração de Luís Jardim, apresenta uma atmosfera mais fluida e poética. O poema descreve a imagem dos cavalos marinhos passando pelas ondas, evocando um senso de movimento, beleza e poder da natureza. O uso de imagens como "a poeira das águas/fazeis levantar" (Cardozo, 1947, p. 93) cria uma atmosfera poética e misteriosa e o poema transmite uma sensação de encantamento diante da força e da beleza das espumas do mar; diferentemente do poema anterior, a respectiva produção lírica é composta por métricas regulares, isto é, redondilhas menores presentes nos setenta versos das quinze estrofes, além da musicalidade marcada. Em resumo, "Recife morto" retrata um cenário urbano desolado, enquanto "Espumas do mar" explora a exuberância e a força da natureza.

Em especial sobre "Recife morto", a peça lírica que inspira o título da crítica de Mota, merece um realce. Destaca-se que o poema composto por quarenta e seis versos irregulares foi publicado primeiramente na *Revista do Norte* (1925), e incluído posteriormente no livro cardoziano *Poemas* (1947). No *Diário de Pernambuco*, "Recife morto" foi publicado na íntegra em três ocasiões: 13 de julho de 1952, 1º de novembro de 1952 e 15 de setembro de 1957. Essas publicações integraram a seção "Antologia poética do Recife", cujo objetivo era divulgar produções significativas para a cidade. De modo geral, a voz lírica do poema expressa sua insatisfação em relação ao processo de modernização da cidade e projeta tal sentimento na arquitetura da cidade representada pelas sacadas, calçadas, casas, torres e lajes, para exprimir para prantear a herança histórica da cidade que está desaparecendo (Lima, 2022, p. 214). Mauro Mota irá notadamente focalizar no poema os elementos fantasmagóricos que descrevem os espaços vazios e desolados da cidade. O poema aciona imagens de locais arruinados, ruas empoeiradas e vazios para transmitir a sensação de uma cidade abandonada e habitada apenas por memórias do passado, onde seus espectros ainda vagam. Assim, o poeta descreve expressões poéticas que evocam um sentido de desolação e morte, onde as características físicas da cidade ganham uma qualidade sobrenatural.

Outro elemento a ser considerado é a escolha das palavras e o ritmo do poema. Cardozo utiliza uma linguagem poética rica e musical, criando uma cadência melancólica que se assemelha a um lamento. Os procedimentos nos versos se intensificam a partir dos termos que indicariam o sentido sonoro, "falsete", "voz fina do vento" e o "ouvir as horas", reforçando a perspectiva de um município agonizante, tentado resistir ao seu trágico apagamento/silenciamento (Lima, 2022, p. 221); correspondendo a afirmação de que

Depois de ler esse livro, a impressão que nos fica é a de que o Recife era uma cidade mergulhada na escuridão profunda e indezessável. Passávamos pelas ruas tateando os olhos inúteis diante das belezas circundantes. Foi Joaquim Cardozo quem acendeu os bicos de lampião nas grandes trevas, deixando-nos como um sonâmbulo que não sabe onde está no momento de recuperar a consciência [...]

O Recife morto é o Recife liberto (Mota, 1948b, p. 5).⁹

⁹ Mais do que isso, pressupõe-se nesse poema, como Lima (2022) apresenta, uma intertextualidade do poema cardoziano com "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira. A saber, no *Livro do Nordeste* (1925), Manuel Bandeira apresenta pela primeira vez o poema que marcaria o seu intenso rememorar poético com sua cidade natal. No mesmo livro, na sequência do poema bandeiriano, Cardozo publicaria seu um estudo sobre a poesia do autor de "Evocação", estreando como crítico literário. Curiosamente, logo após o *Livro do Nordeste*, Joaquim Cardozo publicaria o poema "Recife morto" na *Revista do Norte*, título esse que retoma a última estrofe de "Evocação do Recife": "**Recife morto**, Recife bom, Recife brasileiro como a casa do meu avô" (Bandeira *apud* Freyre, 1979, p. 123. Grifo meu).

Assim, a crítica literária do jornalista, crítico e poeta pernambucano Mauro Mota, é especialmente elogiosa e dirigida para a valorização da região, destacando na obra de Joaquim Cardozo sua conexão com o Recife e a sua maestria ao revelar a essência da cidade através das imagens de seus poemas. Uma vez mais, observa-se como os interesses do crítico, no caso de Mota, a reivindicação de um olhar para a região Nordeste, é o ponto motriz que aciona as questões levantadas no estudo crítico.

4 “Os *Poemas* de Joaquim Cardozo”, Jorge de Lima

Em 1º de janeiro de 1949, quase um ano após a crítica de Mauro Mota, foi publicado no *Diário* o ensaio de Jorge de Lima intitulado “Os *Poemas* de Joaquim Cardozo” (Lima, 1949). O texto veio a lume primeiramente em 23 de dezembro de 1948 (Lima, 1948), no periódico carioca *A Manhã*, jornal que também estava inserido no grupo dos “Diários Associados”.

É interessante observar que entre os escritores até aqui discutidos, na década de 40, Jorge de Lima é o mais citado nos diferentes periódicos do Brasil. O fato curioso sobre tal informação é que Lima não tem a sua figura marcada como um homem dos jornais; sua atuação na literatura sobressai em relação à sua contribuição na imprensa. Talvez por isso, o escritor tenha sido recorrentemente citado nos periódicos, e sua influência como poeta, romancista, ensaísta e médico aguçava as menções expressas.¹⁰

Em suas diferentes publicações na imprensa, Jorge de Lima apresentava uma linguagem razoavelmente simples, no entanto, o conteúdo de alguns de seus artigos era considerado “inadequado” para o canal utilizado, pois as publicações na imprensa assinadas pelo autor eram escritas de forma literária e mais direcionadas a um público mais seletivo, articulado no âmbito literário. Por exemplo, na matéria publicada em *A Manhã*, intitulada “Medidas de ritmos”, o escritor comenta sobre simetria e figuras do ritmo: “Em cada figura simétrica repete-se uma unidade dinâmica que não muda; o tema, elemento invariável em qualquer transformação. Assim, as leis mais gerais derivam da ideia de unidade, as de correspondência e de continuidade possuíam a noção do tema” (Lima, 1948, p. 4). Como se pode observar, Jorge de Lima utiliza terminologias e teorias que não são de ampla compreensão dos leitores em periódicos, mas, dependendo do conteúdo, a linguagem utilizada pelo escritor alagoano se mostra mais acessível.

Em geral, a tipologia textual apresentada por Jorge de Lima pode ser classificada como resenhas, formato no qual Jorge de Lima demonstra mais sua posição e habilidades como escritor literário do que propriamente como crítico. Isso se justifica pelo fato de que, em seus inúmeros estudos, sua principal atuação era divulgar temáticas e conteúdos de seu interesse, como economia, religiosidade, democracia, civilização; ele ocasionalmente destacava alguns escritores, mas de maneira menos incisiva. A propósito, assim como foi pontuado em Paulo Mendes Campos, em alguns de seus estudos, Jorge de Lima não costumava apresentar o nome dos escritores os quais se referia nos títulos de suas publicações. Em vez disso, ele comumente destacava uma personagem da narrativa, o nome da obra ou os elementos que marcam a produção, colocando o autor em segundo plano; como demonstração, Jorge de Lima discutiu sobre *Margarida La Rocque*, de Dinah Silveira de Queiroz, na matéria intitulada “Zoologia, duendes e criaturas” (1948); “Ode ao coxo veloz” (1948), a qual comenta sobre *Bernanos no*

¹⁰ É importante salientar que muitos desses periódicos divulgavam a clínica médica de Jorge de Lima em suas seções publicitárias, o que elevou ainda mais o número de ocorrências com o seu nome.

Brasil (1938-1945), de Hubert Sarrazin; “Os amigos das pulgas” (1947), ao comentar sobre *O domador de pulgas* (1936), de Max Jiménez. Fato inusitado, então, é que, apesar dessa constante, o escritor optou por destacar o nome do poeta e sua obra no título do estudo, intitulado “Os Poemas de Joaquim Cardozo”.

No texto, Jorge de Lima publica a sua extensa crítica sobre o seu “poeta irmão Joaquim Cardozo”, a qual se destaca entre as demais, não apenas por, na ocasião, ser Jorge de Lima uma personalidade importante para a lírica brasileira, mas também pelo fato de seu estudo apresentar apontamentos particulares acerca da lírica cardoziana que contribuíram de forma significativa para o entendimento posterior da poesia do autor pernambucano:

Figura 13 - “Os Poemas de Joaquim Cardozo”, Jorge de Lima, 1949.



Com efeito, daquele passado, (dos restos do "sobrado" que era a casa-grande) não encontrou velhas ruas "cumplices das trevas e dos ladrões, escuras e estreitas, humildes perdidas e abandonadas!" Esquecidos e abandonados, sim, na alma daquelas ruas os sobrados e os mocambos; a usina a exigir arranha-céus e mocambos, como "a cruz das grandes avenidas", contentava-se com uma só favela indistintamente suficiente aos pouquíssimos senhores e à voragem das suas moedas de aço. Onde aquele desadouro de super-concentração de mocambos nas cidades nordestinas. — E eis que o cal do Apolo "acende os cirios — para velar de noite — o cadáver do rio". O Capiberibe morreu, todos os rios do Nordeste de outrora morreram; só o grande poeta chora e compreende a sua morte, só ele tem as palavras do velório! São assim os poetas: quando ninguém sabe e que vai nascer, ele anuncia e quando ninguém sente que alguma coisa morreu, ele está em vigília. Ai está o poeta do Recife morto e da Olinda das perspectivas do passado — poeta indiretamente da casa-grande, pela melancolia e pelo lirismo das cidades que morrem, ou tentam sobreviver em vão ao passado dos banguês e das usinas que morrer se entredevoranda, só

que a última se devore a si mesma.

É Joaquim Cardozo o poeta irmão da poesia nordestina, vizinho da poesia do litoral; sua orla de praia não tem as lagos de sururu, porém gambôas tão claríssimas que se botando nelas um covão no fundo, no outro dia a gente encontra "um telescópio cheio de estrelas".

De fato, essa Província litorânea é sobretudo límpida e irrisada em suas cores; e a poesia de Joaquim Cardozo aprendeu muito bem essa límpidez e humanidade incomparáveis dos dias claros pernambucanos, quando ainda o moribundo sol das cinco acende fardis nos símbolos da Assembléia e do Diário.

E sobretudo, é Cardozo o poeta da geografia humana nordestina; poesia humaníssima, humaníssima que procurando o homem paisagístico, o capta sempre vivo, sempre poeticamente humanado, quer dormindo "malu puro do que um menino", quer impelindo alvarengas e tanto encontrado (esse homem da Província universalizado pela sua geografia humana) em Recife, nas águas do Capiberibe, como em qualquer parte do mundo onde haja portos e rios e homens curvos impelindo barcos. Porém vos digo, ou bem melhor, vos recorde que o inventor do primeiro instrumento-órgão foi um egípcio chamado Clásibio: esse camarada fabricou o seu aparelho funcionando com água do Nilo — hidráulico e formidável. Cardozo tange também o seu órgão com o maná Capiberibe regional, pernambucano, turlo luso, porém, tão água universal e batante quando a do Jordão, a do Volga, do Danúbio ou de outros rios importantes. Desde que

(continua da 2.ª página)

Os "Poemas" de Joaquim Cardozo

(Conclusão da 1.ª página)

a linha não seja chibre nem de poça de enterrar defuntos, a água pode ser local mas o poder de desadentear e de lavar é ocumânico e católico.

E por falar nessas coisas tão gratamente nordestinas, são os ventos do Nordeste são pelo poeta humanizados, antropomórficos feito gente de verdade. — "Pobres ventos sem trabalho. — Expostos dos moínhos, dos navios, — desbarbados no primeiro porto. — E que vão pelas ruas vazias — Batendo as portas num clamor de rajada — De jampô e de revolta." Toda a história da fundação dos ventos nos diversos ciclos da economia nordestina é assim contada — ventos que são também vítimas da era industrializada e que foram expulsos dos moínhos e dos navios, dos velhos dias dos engenhos e dos navios negreiros, pe-

lo carvão, a máquina a vapor e a electricidade e em breve a energia nuclear. Só os poetas compreendem a odiosidade dos ventos hoje tão deshumanizados quanto os homens.

É impossível, porém, fazer num simples artigo de jornal, sobre um poeta mais numeroso do que se pensa em matéria de temáticas de poesia; se a Província do litoral aparece como a fonte dos seus poemas — os seus temas, ela vai colhendo por toda parte, na terra e no homem e logo universalizando-os, transfigurando-os poeticamente, lavando-os de qualquer demagogia, de modo a se tornarem ubiquamente poéticos. Assim, "Ave da rapina", "Poema da presença invisível", "Elegia para os que ficaram na sombra do mar", "Poema em homenagem a ladadora Lucase", "Poema dedicado a Maria Luiza", são poemas nascidos de universais poéticos, ou de motivos particulares universalizados pela poesia, e que se nota no decorrer do próprio poema a satelizar-se. Grandes e inesquecíveis poemas são ainda "Inauguração do Nordeste", "Os anjos do mar", "O relógio", "Figuras do vento", "O espelho", "Eram cinco estrelas do mar", todos eles denotando um domínio da imaginação poética como há poucos exemplos sendo raríssimos na moderna poesia brasileira; sim, há por trás de todos eles, uma estética da imagem poética sem colorismo decorativo, sem vocalizações, enfições e outros canções modernos e antigos. Que há mensuralismo como em Dante Milano há, porém, do bom, num ritmo socializante, congregante sem querer. Assim, etc repudia manuseio e superfluo; é um todo poético indissolúvel, uma lógica em todo o livro adquirida pela unidade lírica, uma placidez enorme, uma consolidação ou uma esperança mais afluente.

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1949, p. 1-2).

Sabendo-se que Jorge de Lima já era considerado um poeta conceituado na época¹¹, é interessante observar que o autor de *Invenção de Orfeu* aproveitou o início da crítica para destacar a semelhança entre a sua poesia com a de Cardozo, a qual, de acordo com Jorge de Lima, apresenta-se como superior em algumas perspectivas. À vista disso, mesmo sendo Joaquim Cardozo um poeta até então considerado "bissexto", e Lima um poeta aclamado nacionalmente desde a década de 30, o autor do estudo equipara-se com o escritor de *Poemas*, acentuando a expressiva colaboração de Cardozo na literatura nacional.

Em seguida, Jorge de Lima categoricamente apresenta o que seriam os dois maiores livros de poesia publicados em 1948: *Poemas*, de Joaquim Cardozo, e *Poesias*, de Dante Milano. O escritor-crítico, aproveita, então, para destacar a importância de ambos os autores e os pontos de encontros e desencontros entre as suas poesias, a começar com o título de "bissexto" atribuído por Bandeira em sua antologia, e que, coincidentemente, publicam os seus primeiros livros autorais na mesma época. A partir dessas duas níveis, primeiramente consigo mesmo e posteriormente com Dante Milano, Lima destaca Cardozo como personalidade importante para a literatura nacional, afirmando que a poesia de Joaquim Cardozo não é interessada nas temáticas políticas e sociais, ou seja, o autor da crítica suprime a produção do poeta que descreve o espaço que a industrialização ocupa na sociedade, instigando a reflexão sobre o meio

¹¹ Na mesma década da respectiva publicação, Lima foi indicado a receber o "Grande Prêmio de Poesia" pela Academia Brasileira de Letras.

social que a questionável modernização ocupa ao fazer desaparecer os homens em “Autômatos”; o comentário também exclui a produção cardoziana que destacou a luta do homem e a terra trazida pelos bojos negros para a cidade, em “As alvarengas”.

A principal perspectiva nesse ensaio refere-se àquilo que o crítico e poeta alagoano denomina de “geografia humana” na lírica de Cardozo, utilizando como referência teórica Pierre Deffontaines, geógrafo francês que ocupou a cadeira de geografia na Universidade de São Paulo em 1935, e que tinha como um dos seus objetos de pesquisa a relação sociedade-espço, abordando diferentes ramificações de pesquisas em que o homem está inserido em seu meio, situação essa que inclui a perspectiva social, cultural, econômica, ambiental, histórica, antropológica, entre outras.¹²

Ao aproximar as produções de Cardozo com o estudo de Deffontaines, Jorge de Lima destaca o aprofundamento dos temas presentes na poesia cardoziana, no que se refere a “Província”. Nessa abordagem, a poesia de Cardozo não se restringiria apenas aos aspectos geográficos superficiais e às características da região. Pelo contrário, ela também se dedicaria à ciência que está sendo desenvolvida e que daria “o devido valor ao coeficiente relativo ao passado” (Deffontaines, 1959, p. 5). Isto é, a representação da “Província” em Cardozo transcenderia o conhecimento superficial e adentraria os fundamentos lógicos da geografia humana. Suas produções não se limitariam a retratar meramente os aspectos geográficos epidérmicos e suas características, mas sim envolveriam todos os campos inseridos nessa ciência. Essa abordagem mais profunda permite uma melhor compreensão da perspectiva de Joaquim Cardozo ao humanizar os elementos vivos e não-vivos da terra, pois, em suas obras, Cardozo ressalta a importância de entender a interação entre os seres humanos e o ambiente em que vivem, trazendo uma visão mais abrangente e enriquecedora da vida na província.

Além disso, mesmo dedicando o seu artigo de jornal à geografia humana que está presente na lírica do poeta do litoral pernambucano, ao destacar a poesia “humaníssima” que Joaquim Cardozo nos apresenta em *Poemas*, Jorge de Lima reforça o estudo de Carlos Drummond de Andrade naquilo que afirma ser o “Espírito”, o tema principal da poesia de Cardozo, conforme o autor de “No meio do caminho”, tendo em vista que é a temática “que se confunde com a sua natureza e o seu entendimento pessoal das coisas humanas. Esse tema sofrerá inúmeras variações, e exposto sob formas diferentes parecerá diverso, tão diversos quanto os sucessivos objetos a que se aplique a visão” (Andrade, 1947, p. 10). Desta forma, a característica “humanisticíssima”, conforme Lima, insere-se no “Espírito”, assim como a “geografia humana” está também no “Espírito”, não apenas pela justificativa de a respectiva ciência também abordar o campo antropológico, mas por observar que as coisas humanas são seguramente apresentadas nos poemas de Joaquim Cardozo de distintas maneiras, inclusive através da alma nordestina.

Considerando os apontamentos minuciosos sobre o modo como Joaquim Cardozo descreve a geografia humana partindo da região Nordeste, Jorge de Lima faz longos comentários que preconizam a relação do poeta pernambucano com os elementos geográficos do Estado, humanizando o litoral, a flora, o aroma, o rio, o vento, as águas, as ruas e todas as unidades que estão representadas no ato lírico cardoziano. Com base nisso, entre os estudos críticos que até

¹² A perspectiva de Deffontaines apresenta uma influência positivista, culturalista e liberalista, uma postura em destaque na época na Europa, e que também estava sendo discutida no Brasil na época. Deffontaines discute em suas análises feitas no território brasileiro questões como o “superpovoamento”, o “débito de homens”, o “desgaste ou enriquecimento da Terra pelo homem”. Essa perspectiva levanta o questionamento: “O crescimento constante e cada vez mais rápido do efetivo humano, não fará com que a terra toda se transforme numa vasta armadilha para a humanidade?” (Deffontaines, 1959, p. 5).

aqui foram apresentados, Jorge de Lima expõe o primeiro estudo na imprensa carioca — e republicado no *Diário de Pernambuco* — que evidencia de maneira mais adensada a questão regional nesse poeta nordestino, apresentando uma interessante interação e integração entre seus projetos poéticos, além de, como poeta consagrado, seu texto efusivamente legitimar o “novo” poeta, ao reconhecer-lhe maior que a si mesmo.

5 À guisa de uma conclusão

Ao examinarmos o impacto da recepção de Joaquim Cardozo na região nordestina, constatamos que a crítica literária publicada no *Diário de Pernambuco* desempenhou um papel relevante na recepção de sua obra em Recife, ao reconhecer Cardozo como um poeta representativo desse Estado e, até mesmo do país. Desde o início de sua relação com o periódico, nas caricaturas de 1914, até sua consolidação como poeta de destaque, o *Diário* acompanhou a trajetória profissional e pessoal de Joaquim Cardozo, marcando sua posição no cenário literário recifense, e destacando as várias facetas do autor, tanto em sua carreira de engenheiro quanto nas artes e na literatura.

Com base nas três publicações apresentadas e discutidas, pode-se entender que inicialmente, na década de 1940, a crítica presente no jornal pernambucano direcionada a *Poemas* se fundamentava, direta ou indiretamente, na forte relação com o prefácio de Carlos Drummond de Andrade, que sumarizou a poesia cardoziana desse livro com os temas “Província e Espírito”. A primeira crítica, de Paulo Mendes Campos, atribui o “bom-gosto” do poeta Joaquim Cardozo à temática que envolve o “Espírito” cardoziano, ao exaltar os procedimentos intelectuais presentes na poesia de Cardozo, e ressaltar o cuidado com os aparatos linguísticos utilizados pelo poeta. Em Mota, a ênfase recai na representação da “Província”, e o breve estudo que ocupou uma página do *Diário de Pernambuco* acentua a perspectiva original com que Cardozo revitaliza o olhar sobre sua Recife. É interessante notar que essa crítica ficou limitada ao *Diário de Pernambuco* e não foi republicada em outros jornais, situação que impossibilitou expor nacionalmente as considerações feitas por pessoas da própria região ao falar do poeta local.

Em relação à perspectiva de Campos e Mota em meio às novidades que surgiam na esfera literária na década de 40, Campos aproveita o espaço para avaliar negativamente as novidades que ocorriam na poesia e no comportamento dos escritores, e através de Joaquim Cardozo, destaca o sentimento que a poesia e o comportamento cardoziano transmite, a saber, o resgate do belo, do “bom-gosto”, da ausência do imediatismo e da valorização da obra acima do escritor. Em contrapartida, mas também dialogando com o resgate através da poesia de Joaquim Cardozo, Mauro Mota aponta para a proteção da identidade da região, e como a poesia cardoziana transmite a preservação da essência pernambucana. Desta forma, pode-se afirmar que ambos os autores apresentam a poesia cardoziana como múltipla, ao mesmo tempo em que diferenciam seu livro inicial das produções de seus contemporâneos, e evidenciam a originalidade de sua obra, uma vez que ela não poderia ser assinalada em qualquer grupo ou movimento daquela época, circunstância crucial para que Joaquim Cardozo se destacasse no cenário literário.

Em consonância com ambos os escritores, Jorge de Lima destaca a “geografia humana” em Joaquim Cardozo, o que acentua a perspectiva do meio inserido, com a racionalização da ciência e de suas problemáticas. Mais do que isso, o texto de Jorge de Lima traz uma legitimação mais ampla a seu “poeta-irmão”, ampliando em vários níveis as abordagens interpretativas de

Drummond de “Província e do Espírito”, ao integrar essa poética em um movimento que vai além da documentação ou da especulação, mas que apresenta um caráter personalíssimo que elevaria sua excelência estética a um grau superior a sua própria lírica.

Em comum, os três estudos são representativos de como a crítica literária na imprensa se compunha como um instrumental indiscutivelmente necessário para a divulgação, a consagração e a legitimação de um novo poeta, e como os autores já conhecidos e reconhecidos foram fundamentais para essa validação. No caso de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco*, tal questão se desdobra no fato de estar o autor ausente de seu estado, por um exílio forçado, tendo sido o periódico, tradicionalmente tido como o mais importante na cidade de Recife, essencial para que o público de sua terra natal acompanhasse e valorasse sua obra.

Referências

- Alves, A.; Vasconcelos, H.; Parahym, O.; Benjamin, R. *Seleção de autores pernambucanos*. Recife: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, 1987.
- Andrade, C. D. de. Prefácio. Cardozo, J. *Poemas*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- Antologia pernambucana. *Diário de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 8 de maio de 1949, p. 8.
- Bandeira, M. (org.). *Antologia de poetas bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde Editora, 1946.
- Bandeira, M. Evocação do Recife. In: Freyre, G. et al. (org.). *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo público estadual, 1979, p. 121-123.
- Bandeira, M.; Ayala, W. *Antologia dos poetas brasileiros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967.
- Brito Broca. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1956.
- Campos, M. de G. (org.). *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.
- Campos, P. M. A propósito de um artigo. *Diário de Pernambuco*, Recife, Suplemento, 13 de junho de 1948a, p. 1.
- Campos, P. M. De um caderno. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1948b, p. 3.
- Campos, P. M. Os bissextos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1946, p. 2.
- Campos, P. M. Sobre poesia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 de março de 1946, p. 2.
- Campos, P. M. Um poeta de bom-gosto. *Diário de Pernambuco*, Recife, Suplemento, 18 de março de 1948c, p. 1-2.
- Campos, P. M. Um poeta de bom-gosto. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14 de março de 1948d, p. 3.
- Cardozo, J. *Poemas*. Rio de Janeiro: Agir editora, 1947.
- Cardozo, J. Um poeta pernambucano: Manuel Bandeira. Freyre, G. et al. (org.). *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo público estadual, 1979, p. 124-125.
- Davi, C. Moços. *Diário de Pernambuco*, Recife, Suplemento, 25 de setembro de 1949, p. 8.
- Deffontaines, P. Posições da geografia humana - por que geografia humana?. *Boletim Paulista de*

- Geografia*, [S. l.], n. 32, São Paulo: 1959, p. 3-16. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1242>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- Dias, S. M. V. (org. e notas). *Cartas provincianas*. Correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. São Paulo: Global, 2017.
- Freyre, G. et al. (org.). *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo público estadual, 1979.
- Guerra, J. A. As margens do Capibaribe. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1949, p. 3.
- Jambo, A. *Diário de Pernambuco: história e jornal de quinze décadas*. Recife: Diário de Pernambuco, 1975.
- Lima, J. de. Medidas de ritmos. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1948, p. 4.
- Lima, J. de. Mitos socialistas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1948, p. 4.
- Lima, J. de. Os amigos das pulgas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1947, p. 4.
- Lima, J. de. Os *Poemas* de Joaquim Cardozo. *Diário de Pernambuco*, Recife, Suplemento, 1º de janeiro de 1949, p. 1-2.
- Lima, J. de. Ode ao coxo veloz. *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 de novembro de 1948, p. 1-2.
- Lima, J. de. Zoologia, duendes e criaturas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, p. 4.
- Lima, K. K. F. de. O “Recife morto” de Joaquim Cardozo: um panorama regional na década de 20. In: Cintra, E. C.; Correia, E. B. (org.). *O meu canto é de sol: Joaquim Cardozo pela crítica literária contemporânea*. São Paulo: Alameda, 2022, p. 201-229.
- Loanda, F. F. de. *Antologia da nova poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1965.
- Martins, W. *A crítica literária no Brasil*, vol. II: 1940-1981. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- Mota, M. Literatos municipais. *Diário de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 16 de maio de 1948a, p. 6.
- Mota, M. Recife morto. *Diário de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 21 de março de 1948b, p. 5.
- Mota, M. Registro sobre dois livros do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 20 de junho de 1948c, p. 6.
- Mota, M. Tudo canta em Maceió. *Diário de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 6 de junho de 1948d, p. 6.
- Nascimento, L. do. *História da Imprensa de Pernambuco*. Recife: Imprensa Universitária, 1967, (Vol. 9).
- Nascimento, L. do. *História da imprensa de Pernambuco*. 2. ed. Recife: UFPE, Empresa Universitária, 1968. V.1.
- Nascimento, L. do. *O Recife pela voz dos poetas*. Recife: Coleção Recife, 1977.
- Nejar, C.; Portella, E. *Antologia da poesia brasileira contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- Oliveira e Silva. *Coletânea de poetas pernambucanos*. Rio de Janeiro: Minerva, 1951.
- Souza Barros. *A década 20 em Pernambuco - uma interpretação*. Recife: CEPE, 2015.

Recebido em: 18/09/2025

Aceito em: 03/12/2025